

AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS

Relatório

Agrupamento de Escolas
de Carnaxide - Valejas
OEIRAS

7 a 9 março
2012

Delegação
Regional
de Lisboa e Vale do Tejo
da IGE



1 – INTRODUÇÃO

A **Lei n.º 31/2002**, de 20 de dezembro, aprovou o sistema de avaliação dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, definindo orientações gerais para a autoavaliação e para a avaliação externa. Neste âmbito, foi desenvolvido, desde 2006, um programa nacional de avaliação dos jardins de infância e das escolas básicas e secundárias públicas, tendo-se cumprido o primeiro ciclo de avaliação em junho de 2011.

A Inspeção-Geral da Educação (IGE) foi incumbida de dar continuidade ao programa de avaliação externa das escolas, na sequência da proposta de modelo para um novo ciclo de avaliação externa, apresentada pelo Grupo de Trabalho (**Despacho n.º 4150/2011**, de 4 de março). Assim, apoiando-se no modelo construído e na experimentação realizada em doze escolas e agrupamentos de escolas, a IGE está a desenvolver esta atividade consignada como sua competência no **Decreto Regulamentar n.º 81-B/2007**, de 31 de julho.

O presente relatório expressa os resultados da avaliação externa do **Agrupamento de Escolas de Carnaxide - Valejas – Oeiras**, realizada pela equipa de avaliação, na sequência da visita efetuada entre **7 e 9 de março de 2012**. As conclusões decorrem da análise dos documentos fundamentais do Agrupamento, em especial da sua autoavaliação, dos indicadores de sucesso académico dos alunos, das respostas aos questionários de satisfação da comunidade e da realização de entrevistas.

Espera-se que o processo de avaliação externa fomente e consolide a autoavaliação e resulte numa oportunidade de melhoria para o Agrupamento, constituindo este documento um instrumento de reflexão e de debate. De facto, ao identificar pontos fortes e áreas de melhoria, este relatório oferece elementos para a construção ou o aperfeiçoamento de planos de ação para a melhoria e de desenvolvimento de cada escola, em articulação com a administração educativa e com a comunidade em que se insere.

A equipa de avaliação externa visitou a escola básica do 2.º e 3.º ciclos Vieira da Silva, escola-sede do Agrupamento, bem como a escola básica de 1.º ciclo com jardim de infância de São Bento – Valejas, o jardim de infância de Nossa Senhora do Amparo e as escolas básicas do 1.º ciclo Antero Basalisa e Sylvia Philips.

A equipa regista a atitude de empenhamento e de mobilização do Agrupamento, bem como a colaboração demonstrada pelas pessoas com quem interagiu na preparação e no decurso da avaliação.

ESCALA DE AVALIAÇÃO

Níveis de classificação dos três domínios

EXCELENTE – A ação da escola tem produzido um impacto consistente e muito acima dos valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. Os pontos fortes predominam na totalidade dos campos em análise, em resultado de práticas organizacionais consolidadas, generalizadas e eficazes. A escola distingue-se pelas práticas exemplares em campos relevantes.

MUITO BOM – A ação da escola tem produzido um impacto consistente e acima dos valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. Os pontos fortes predominam na totalidade dos campos em análise, em resultado de práticas organizacionais generalizadas e eficazes.

BOM – A ação da escola tem produzido um impacto em linha com o valor esperado na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. A escola apresenta uma maioria de pontos fortes nos campos em análise, em resultado de práticas organizacionais eficazes.

SUFICIENTE – A ação da escola tem produzido um impacto aquém dos valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. As ações de aperfeiçoamento são pouco consistentes ao longo do tempo e envolvem áreas limitadas da escola.

INSUFICIENTE – A ação da escola tem produzido um impacto muito aquém dos valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. Os pontos fracos sobrepõem-se aos pontos fortes na generalidade dos campos em análise. A escola não revela uma prática coerente, positiva e coesa.

O relatório do Agrupamento e o eventual contraditório apresentado(s) no âmbito da **Avaliação Externa das Escolas 2011-2012** serão disponibilizados na [página da IGE](#).



2 – CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO

O Agrupamento de Escolas de Carnaxide - Valejas, criado no ano letivo de 2004-2005, situa-se no concelho de Oeiras, distribuindo-se as unidades educativas que o constituem pelas freguesias de Carnaxide e de Barcarena, num contexto de heterogeneidade social e económica. Engloba cinco estabelecimentos de educação e ensino: um jardim de infância, uma escola básica do 1.º ciclo com jardim de infância (EB1/JI), duas escolas básicas do 1.º ciclo (EB1) e uma escola básica dos 2.º e 3.º ciclos, sede do Agrupamento. Este foi objeto de Avaliação Externa em 2008.

De acordo com o perfil de escola, em 2011-2012, o Agrupamento é frequentado por 1449 crianças e alunos. Destes, 121 pertencem à educação pré-escolar (5 grupos), 640 alunos integram o 1.º ciclo (27 turmas), 456 o 2.º ciclo (18 turmas) e 232 o 3.º ciclo (9 turmas).

Com uma taxa de ocupação plena dos espaços, o Agrupamento apenas funciona em turno único na escola-sede e em regime normal na EB1/JI de São Bento - Valejas. A grande procura por parte das famílias obriga à não-aceitação de um grande número de candidatos, na generalidade dos estabelecimentos. Contempla nos 2.º e 3.º ciclos, o ensino articulado numa parceria com a Escola de Música Nossa Senhora do Cabo, em Linda-a-Velha.

São naturais de outros países 5% dos alunos, predominando os originários do Brasil. No âmbito da Ação Social Escolar, verifica-se que 80% dos discentes não beneficiam de auxílios económicos. Os indicadores relativos à formação académica conhecida (63,1%) dos pais permitem verificar que 36,3% possuem formação superior. Dos 38,3% de pais com ocupação profissional conhecida, 50% desenvolvem atividades de nível superior e intermédio.

Exercem funções no Agrupamento 121 docentes, dos quais 74% pertencem aos quadros e têm 10 ou mais anos de serviço. Fazem parte do pessoal não docente um psicólogo, sete assistentes técnicos e 29 assistentes operacionais. Destes, 68% têm 10 ou mais anos de serviço. A carência de pessoal nos serviços administrativos é temporariamente minimizada com o recurso a um trabalhador colocado ao abrigo do Contrato Emprego-Inserção. Presta ainda serviço na escola-sede um elemento do Gabinete de Segurança do Ministério da Educação. Um dos assistentes operacionais assegura as funções de guarda-noturno.

Em 2010-2011, ano letivo para o qual há referentes nacionais calculados para as variáveis de contexto, a população discente situa-se muito acima da mediana nacional, em termos de habilitações e qualificações de nível superior dos pais. O mesmo acontece relativamente à percentagem de alunos que não beneficiam de auxílios económicos, em particular no que se refere ao 6.º ano e ao 9.º. Quanto às profissões de nível superior e intermédio, a percentagem dos pais e encarregados de educação que as exercem está também acima da mediana nacional. Estes dados remetem para um contexto socioeconómico e cultural favorável.

3- AVALIAÇÃO POR DOMÍNIO

Considerando os campos de análise dos três domínios do quadro de referência da avaliação externa e tendo por base as entrevistas e a análise documental e estatística realizada, a equipa de avaliação formula as seguintes apreciações:



3.1 – RESULTADOS

RESULTADOS ACADÉMICOS

Os resultados académicos observados, relativos a 2009-2010, estão em linha com o valor esperado, quer nas provas de avaliação externa quer nas taxas de conclusão. Tal situação não se verifica, contudo, nas provas de aferição de matemática do 6.º ano, em que a percentagem de alunos com classificações iguais ou superiores a *satisfaz* superou esse valor.

Nos últimos quatro anos letivos, as taxas de transição/conclusão revelam uma evolução positiva nos 5.º e 7.º anos (neste último, em particular), uma tendência de estabilização no 4.º e no 8.º e oscilações no 6.º e no 9.º ano, o que indicia que há fatores internos determinantes do sucesso que o Agrupamento não controla inteiramente.

No último triénio, os resultados das avaliações externas acompanham, de um modo geral, a tendência nacional observando-se, contudo, uma inflexão mais acentuada dos mesmos em 2011, nas provas de aferição de matemática do 4.º ano e de língua portuguesa do 6.º. Situação idêntica verificou-se no exame nacional do 9.º ano desta última disciplina. Não obstante o bom desempenho, face ao contexto socioeconómico e cultural, em que os valores das respetivas variáveis são genericamente favoráveis, contar-se-ia com melhores resultados.

Na educação pré-escolar, a reflexão sobre o trabalho desenvolvido com as crianças e a avaliação da progressão das aprendizagens, divulgada nos registos entregues aos pais e encarregados de educação, constituem práticas regulares.

A monitorização dos resultados académicos é realizada de forma sistemática e intencional. Com efeito, em todos os ciclos de ensino, a análise e reflexão sobre o sucesso dos alunos visa proceder às reformulações consideradas necessárias para alcançar níveis de desempenho mais elevados, o que passa pela diversificação das estratégias de aprendizagem e pelo reforço da articulação entre ciclos. A análise, regular e consequente nas práticas docentes, da qualidade do sucesso (taxas de transição e conclusão com sucesso em todas as disciplinas) é uma área a investir pelos vários órgãos e estruturas intermédias, potenciando o trabalho e os resultados obtidos no âmbito do Projeto Rede de Escolas de Excelência que o Agrupamento integra.

A taxa de abandono escolar apresenta valores nulos em resultado de práticas eficazes na sua prevenção.

RESULTADOS SOCIAIS

Existe um trabalho consistente no sentido de desenvolver os valores da cidadania de forma transversal em todos os níveis de educação e ensino, através da realização de projetos e da dinamização de ações que valorizam a prática da cooperação e da solidariedade. Estas iniciativas contribuem para o desenvolvimento do sentimento de pertença ao Agrupamento.

Através de reuniões periódicas da assembleia de delegados de turma e do conselho permanente de delegados e subdelegados (este promovido pela direção), assegura-se o envolvimento dos alunos na vida escolar. No entanto, um número significativo de alunos da escola-sede, respondentes aos questionários de satisfação, desconhece se as suas opiniões são tidas em conta pelos professores e pela direção.

A existência de orientações de atuação comuns, especialmente concertadas em conselho de docentes e de turma, e a divulgação e explicação clara da sua razão de ser levam a que as regras de conduta sejam globalmente respeitadas, contribuindo para que, no geral, o ambiente educativo seja propício às aprendizagens.



Através do projeto *Agir para Incluir*, criado no presente ano letivo, há uma atuação imediata sobre o foco de indisciplina, nomeadamente junto dos alunos que apresentam comportamentos desadequados e a quem é dada ordem de saída da sala de aula. Tem subjacente uma articulação sistemática dos diferentes intervenientes educativos, incluindo os encarregados de educação.

Refira-se, no entanto, que a análise das respostas aos questionários aplicados aos diferentes elementos da comunidade educativa evidencia que o comportamento dos alunos constitui ainda uma área de melhoria, não obstante o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido. Dos dados fornecidos relativamente à aplicação de medidas disciplinares sancionatórias, destaca-se a suspensão, que revela um aumento significativo do número de dias aplicados (de 21 para 67), entre 2008-2009 e 2010-2011. É no 2.º ciclo que se regista o número mais elevado de suspensões. A indisciplina é, pois, uma questão não resolvida e para a qual as ações desenvolvidas não se têm revelado suficientemente eficazes, nem têm revestido um carácter formativo e dissuasor.

Embora o Agrupamento possua, em regra, um conhecimento informal do percurso académico dos alunos após a conclusão do 9.º ano de escolaridade, não existe um dispositivo que permita conhecer o real impacto das aprendizagens, numa perspetiva de articulação com as escolas secundárias.

RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE

A comunidade educativa evidencia, de um modo geral, níveis elevados de satisfação sobre a ação educativa, observados nas respostas aos questionários aplicados aos diferentes elementos e nos testemunhos das entrevistas.

É posta em evidência a boa imagem do Agrupamento, a sua abertura ao exterior e o bom ambiente de trabalho entre profissionais. É, igualmente, relevado o acompanhamento realizado pelos diretores de turma e professores em geral, bem como o ensino ministrado e o incentivo ao trabalho para ter bons resultados.

Realça-se a importância conferida à valorização dos sucessos dos alunos, transversal aos vários níveis de educação e ensino. Para além do reconhecimento público, através dos Quadros de Valor e de Excelência, há um forte investimento na publicitação dos produtos dos trabalhos dos alunos, através dos jornais escolares, da página *Web*, do circuito interno de televisão no átrio da escola-sede, de fotografias afixadas nos diferentes espaços, a título de exemplo, dando, deste modo, visibilidade ao trabalho desenvolvido. É fomentada a participação da escola-sede em eventos, quer locais quer de concelhos vizinhos, nomeadamente através do Coro Vieira da Silva, projetando uma imagem muito positiva no exterior. No âmbito desportivo há várias atividades de referência e com um reconhecimento consolidado como, por exemplo, o ténis de mesa.

O Agrupamento encontra-se, na generalidade, bem integrado no meio local. A importância do seu papel educativo é sublinhada por encarregados de educação e representantes autárquicos que reconhecem a qualidade do trabalho desenvolvido. A cooperação efetiva com a Câmara Municipal de Oeiras e a Junta de Freguesia de Carnaxide tem concorrido para melhorar a prestação do serviço educativo.

A ação da Escola tem produzido um impacto em linha com o valor esperado, na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. Há um reconhecimento muito expressivo, por parte da comunidade educativa, do trabalho realizado e de práticas organizacionais, de um modo geral, eficazes. Tais fundamentos justificam a atribuição da classificação de **BOM** no domínio Resultados.



3.2 – PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO

PLANEAMENTO E ARTICULAÇÃO

O Agrupamento revela, desde a Avaliação Externa anterior, um reforço evidente no domínio da articulação entre ciclos nas vertentes organizativas, pedagógicas e curriculares. O trabalho que tem vindo a ser desenvolvido de forma sistemática e progressiva constitui um processo em vias de consolidação, designadamente no que se refere à gestão vertical do currículo. Nessa linha de atuação constata-se a valorização da gestão conjunta das orientações curriculares e dos programas, por parte das estruturas intermédias, em ordem a assegurar a sequencialidade das aprendizagens, bem como a coordenação pedagógica entre as várias unidades educativas.

No 1.º ciclo, o processo de articulação entre os responsáveis pelas atividades de enriquecimento curricular, os técnicos que as lecionam e o professor titular de turma tem vindo a ser melhorado.

Os projetos curriculares de turma, construídos a partir de um guião orientador comum, integram, entre outros aspetos, as metodologias, as estratégias e os materiais que vão ser utilizados para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, não explicitam, objetivamente, a gestão de conteúdos programáticos comuns entre disciplinas afins, de forma a dar maior visibilidade à articulação interdisciplinar realizada.

A transmissão de informação pertinente sobre os grupos/turmas, nos momentos de transição entre níveis de educação e ciclos e entre estabelecimentos do Agrupamento, constitui uma prática efetiva, em resultado do trabalho em rede entre os docentes titulares de grupo/turma e os diretores de turma.

Evidencia-se um reforço, por parte do corpo docente, no recurso a diferentes modalidades de avaliação, nomeadamente a formativa, enquanto instrumentos de reflexão e de (re)ajustamento do processo de ensino e aprendizagem.

Constatam-se práticas enraizadas de trabalho cooperativo nos grupos de recrutamento. A partilha de recursos pedagógico-didáticos, de estratégias e de boas práticas complementa de forma muito positiva a interligação entre docentes.

PRÁTICAS DE ENSINO

Há uma manifesta preocupação do corpo docente com o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, refletindo-se nas respostas pedagógicas favorecedoras de sucesso escolar. No entanto, os mecanismos de diferenciação pedagógica, em particular em contexto de sala de aula, configuram uma área a intensificar. É nos conselhos de ano e de turma que se (re)definem procedimentos e estratégias de apoio para responder a situações específicas e a dificuldades evidenciadas pelos alunos. São utilizadas, com alguma frequência, metodologias de ensino e aprendizagem diversificadas, algumas das quais promotoras de interdisciplinaridade e da pesquisa.

É uma constante do quotidiano escolar a mobilização de recursos para os alunos com necessidades educativas especiais, proporcionando-lhes respostas adequadas às problemáticas referenciadas e à especificidade de cada um. É visível a articulação entre os elementos que integram as várias estruturas de apoio a estes alunos, incluindo entidades externas, em diferentes valências.

O ensino experimental das ciências é valorizado e integra as práticas pedagógicas nos vários níveis de educação e ensino. Está patente num leque diversificado de atividades propiciando oportunidades complementares de aprendizagem e contribuindo para o desenvolvimento de atitudes positivas face à ciência. É também fomentada a participação dos alunos em iniciativas de âmbito regional, nacional e internacional, que permitem estimular e, muitas vezes, premiar o seu sucesso.



É notória a valorização da dimensão artística estruturada em atividades que, desde a educação pré-escolar ao 3.º ciclo, realçam, de forma muito positiva, a criatividade e a sensibilidade dos discentes. Esta vertente ganha também relevância através de um leque variado de atividades de enriquecimento curricular, como sejam a rádio escolar, os clubes de teatro e de dança, a título de exemplo, que envolvem os alunos na respetiva organização e dinamização.

O apetrechamento das salas de aula com meios informáticos, nomeadamente de videoprojetores, no âmbito do Plano Tecnológico da Educação, tem contribuído para a sua crescente utilização e possibilitado novas dinâmicas nas práticas letivas. O recurso aos quadros interativos revela-se como uma estratégia que, progressivamente, está a conquistar as práticas docentes nos diferentes níveis de educação e ensino.

A partilha de documentação e de recursos didáticos encontra no correio eletrónico um importante suporte logístico, reforçado pelo recurso a outras ferramentas, reconhecidas pelo valor acrescentado que introduzem nas práticas pedagógicas (*cdroms* dos manuais escolares, documentos em suporte informático partilhados entre docentes e *websites* com conteúdos científicos, pedagógicos e educativos).

A conciliação entre os horários das atividades letivas, das de enriquecimento curricular e dos apoios educativos é intencional e, em regra, bem conseguida, sobretudo, com a introdução do turno único na gestão dos tempos escolares, na escola-sede, no presente ano letivo.

A supervisão da prática letiva em sala de aula, enquanto estratégia formativa para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, numa perspetiva de desenvolvimento profissional dos docentes, não está instituída. No entanto, é reconhecida como mecanismo de recurso para docentes que evidenciem dificuldades de desempenho, nomeadamente na gestão de situações de indisciplina. A orientação acompanhada está prevista, e é assegurada, designadamente ao nível do planeamento individual e da elaboração de instrumentos de avaliação.

MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO ENSINO E DAS APRENDIZAGENS

O Agrupamento recorre a uma pluralidade de modalidades de avaliação, assumindo que esta se constitui como condição necessária para um progresso sustentado das aprendizagens. A consistência dos procedimentos alicerça-se no trabalho conjunto dos professores que lecionam a mesma disciplina ou ano de escolaridade, sendo aferido o grau de exigência pela aplicação de matrizes, de instrumentos e critérios de avaliação comuns, bem como pela definição de um perfil de desempenho por área/disciplina. O recurso à avaliação diagnóstica e aos testes intermédios reforça, igualmente, a aferição das aprendizagens.

É prática regular a monitorização da gestão do currículo nas reuniões de coordenação de ano/disciplina, onde também são desencadeados os mecanismos necessários para assegurar o seu cumprimento.

Os apoios disponibilizados em resposta às dificuldades de aprendizagem, designadamente os planos de recuperação e de acompanhamento, têm-se revelado de um modo geral eficazes, em particular nos anos terminais de ciclo. Não foram elaborados planos de desenvolvimento, sendo de considerar que haja alunos que eventualmente deles pudessem beneficiar. O projeto *Tutoria* tem contribuído bastante para melhorar a integração dos alunos que dele usufruem, reforçando igualmente os hábitos de trabalho.

Através do projeto *Acompanhamento para o Sucesso*, criado no presente ano letivo, implementou-se um processo formal de identificação dos alunos vocacionados para cursos de carácter profissionalizante ou querendo uma educação especializada, encaminhando-os para outros estabelecimentos de ensino.



Constata-se um predomínio dos pontos fortes na totalidade dos campos de análise, em resultado de práticas organizacionais abrangentes e de um modo geral eficazes, que caracterizam o desempenho do Agrupamento neste domínio, justificando a atribuição da classificação de **MUITO BOM** na Prestação do Serviço Educativo.

3.3 – LIDERANÇA E GESTÃO

LIDERANÇA

Existe, por parte dos responsáveis, uma visão estratégica de Agrupamento, reconhecida pelos vários órgãos e estruturas. Subjacente ao modelo educativo que preconiza e que se consubstancia na qualidade, exigência e rigor das práticas, está o desenvolvimento do gosto pela escola e pelo conhecimento. Evidencia-se a sintonia existente entre a direção e os conselhos geral e pedagógico, no que respeita às linhas de orientação da ação educativa a prosseguir.

Os documentos de planeamento resultam de um trabalho plural e participado da comunidade escolar, revelando-se articulados entre si. Porém, no projeto educativo, elaborado para o horizonte temporal 2009-2013, as linhas de atuação traçadas para os diferentes objetivos e metas não se encontram hierarquizadas e calendarizadas, nem estão todas suportadas em indicadores que permitam avaliar o impacto das medidas. A verificação da eficácia do trabalho desenvolvido pelas estruturas de coordenação educativa e de supervisão pedagógica fica assim dificultada.

Há um evidente empenhamento e comprometimento da direção com a resolução de problemas, designadamente os relacionados com as questões da sobrelotação e da qualidade dos espaços exteriores, prementes em algumas das unidades educativas. A identificação com o Agrupamento tem sido consolidada pela qualidade do trabalho realizado pela generalidade do corpo docente e não docente, assim como pelas iniciativas promovidas.

Constata-se uma liderança forte por parte do diretor que, num contexto de gestão partilhada de responsabilidades e apoiado por uma equipa dinâmica, mobiliza os restantes patamares de liderança, implicando-os nas tomadas de decisão. O progressivo envolvimento dos diversos intervenientes no processo educativo enquadra-se numa lógica de indução de melhoria organizacional. A aposta no desenvolvimento de ações e de procedimentos concertados consubstancia-se nos guias de *Orientação Estratégica (GOE)* para docentes e não docentes.

Os profissionais conhecem bem as suas áreas de atuação, envolvendo-se empenhadamente na concretização dos objetivos e metas definidos nos documentos estruturantes. É patente o bom ambiente de interação humana e profissional, em que os contributos individuais são tidos em atenção pelos responsáveis. Realça-se o reconhecimento público, pelo diretor, do profissionalismo e do empenho do pessoal docente e não docente, através da *Valorização do Mérito* e da publicitação nas redes sociais.

O Agrupamento estabeleceu parcerias com entidades públicas e privadas, numa linha estratégica de viabilização de respostas contextualizadas às necessidades educativas e formativas das crianças e dos alunos. É visível o bom acolhimento prestado pela direção às oportunidades, nomeadamente ao nível de projetos, que permitem reforçar a ação educativa.

O diálogo com as famílias e com as associações de pais e encarregados de educação tem sido fomentado e foram instituídas algumas dinâmicas promotoras da sua participação no acompanhamento do processo educativo dos respetivos educandos. A elaboração de um documento orientador dos procedimentos inerentes ao papel dos representantes dos pais e encarregados de educação de grupo/turma, clarificando e reforçando a relevância das suas funções, é um instrumento em que se afigura ser importante investir.



É patente a mobilização e a ação dos responsáveis no sentido de otimizar os recursos, bem como de intervir na sua manutenção e melhoria. As condições de acessibilidade a pessoas de mobilidade condicionada estão salvaguardadas na generalidade dos espaços. Embora a realização de simulacros e de exercícios de evacuação seja acautelada, não se recolheram evidências da existência de um plano de segurança interno, nomeadamente nas unidades educativas.

Destaca-se a apazibilidade dos espaços escolares e a forte aposta no embelezamento e na valorização dos mesmos com recurso a iniciativas que envolvem a comunidade educativa (*Jornada de Voluntariado*).

GESTÃO

O Agrupamento apresenta, em termos globais, os recursos e os equipamentos fundamentais para o seu funcionamento. No entanto, a sobrelotação, a par do regime duplo de funcionamento, que se verificam na EB1 Sylvia Philips obriga a que o número de alunos beneficiário de atividades de enriquecimento curricular seja muito reduzido. As experiências escolares diversificadas proporcionadas a crianças e a alunos configuram-se como uma prática efetiva, concretizada através da partilha de recursos e de projetos, entre a escola-sede e os restantes estabelecimentos.

A biblioteca escolar/centro de documentação e informação, na escola-sede, e a biblioteca escolar da EB 1 Sylvia Philips, apresentam-se como espaços privilegiados para a dinamização de um leque diversificado de atividades de índole cultural e lúdica, bem como de pesquisa, promotoras do desenvolvimento de múltiplas competências nos vários níveis de educação e de ensino.

À constituição das turmas, designadamente do 1.º e do 5.º ano, subjaz a coesão maioritária do grupo de crianças e alunos oriundos, respetivamente, da mesma sala de jardim de infância e transitados do 4.º ano, visando a criação de condições potenciadoras de uma boa integração. O papel desempenhado pelas educadoras, pelos docentes titulares e diretores de turma assume, nessa tarefa, particular importância. Os critérios inerentes à composição das turmas são divulgados junto da comunidade escolar.

A gestão dos recursos humanos é feita em consonância com as competências profissionais e pessoais e no conhecimento que o diretor tem das mesmas, numa lógica de adequação às funções, de eficácia e de resposta às necessidades educativas. A continuidade pedagógica, em que se inclui a atribuição da direção de turma por ciclo de escolaridade é, em regra, viabilizada pela estabilidade do corpo docente.

A existência de tempos comuns para aferição das práticas didáticas, construção de materiais pedagógicos e partilha de saberes está acautelada na generalidade dos horários dos docentes. Nas EB1, com horário de funcionamento em regime duplo, esses momentos estão assegurados pela realização de reuniões em horário pós-letivo.

As ações desenvolvidas pela direção e pelas diferentes estruturas de orientação educativa e supervisão pedagógica nos momentos de acolhimento e na integração dos profissionais no Agrupamento, complementadas pela distribuição do *GOE*, configuram-se claramente facilitadoras do seu enquadramento nas diversas dinâmicas.

A direção procede a uma gestão eficaz dos assistentes operacionais, numa lógica de Agrupamento, podendo ser feita, sempre que necessário, a sua afetação às diferentes unidades educativas, quando confrontada com insuficiência de trabalhadores. Nos serviços administrativos ressalta, à semelhança dos restantes trabalhadores não docentes, a motivação e a disponibilidade com que os assistentes técnicos desempenham as suas tarefas e respondem às solicitações dos utentes.

Existe um plano de formação contínua para os diferentes profissionais assente nas necessidades diagnosticadas e que encontra algumas respostas no Centro de Formação a que o Agrupamento se encontra adstrito. Paralelamente são dinamizadas ações de formação interna, numa lógica contextual, onde a replicação de conhecimentos entre pares é incentivada. As práticas de avaliação do impacto da formação contínua dos diferentes profissionais configuram uma área a investir.

A melhoria da eficácia dos circuitos de informação e comunicação é reconhecida pela generalidade da comunidade educativa. O correio eletrónico institucional é fulcral para a agilização dos contactos entre os vários órgãos e estruturas, bem como com pais e encarregados de educação. A página *Web* do Agrupamento apresenta-se como um canal digital privilegiado na divulgação de informações e de iniciativas.

AUTOAVALIAÇÃO E MELHORIA

O Agrupamento desenvolve, desde há vários anos, nas diferentes estruturas de topo e intermédias, rotinas de reflexão incidentes quer nos resultados académicos e nas práticas quer no grau de consecução das atividades desenvolvidas. Os resultados destes procedimentos permitiram identificar aspetos positivos e fragilidades no funcionamento da organização, tendo norteado as tomadas de decisão ao nível da conceção e do planeamento da atividade educativa e conduzido à implementação de algumas ações de melhoria.

Em resultado da Avaliação Externa realizada em Abril de 2008, foi criada uma equipa de autoavaliação que, com o apoio de uma empresa de consultadoria externa, adaptou o modelo *Common Assessment Framework (CAF)* à realidade do Agrupamento e aplicou questionários de satisfação à comunidade educativa. Paralelamente, os responsáveis empreenderam diversas medidas com vista à superação das debilidades identificadas e à consolidação de práticas já existentes e reconhecidas como positivas no relatório da IGE.

Sublinhe-se que, no entanto, a utilidade dos dados recolhidos e dos resultados obtidos, bem como a eficácia do processo de autoavaliação, ficaram comprometidos pela morosidade na elaboração do relatório final por parte da empresa. A devolução da informação produzida pela mesma, à comunidade educativa, revestiu-se de algumas fragilidades e o relatório só foi apresentado em fevereiro de 2012.

Nesta mesma data, e em virtude das aposentações de docentes e não docentes entretanto ocorridas, a equipa de autoavaliação foi reajustada, mantendo na sua composição docentes, não docentes e dois representantes dos pais e encarregados de educação. Do trabalho recente que desenvolveu resultou já uma apreciação dos pontos fortes e áreas de melhoria identificados no relatório de autoavaliação e a elaboração de algumas propostas. Porém, a identificação de áreas de intervenção prioritária, assentes em planos de melhoria calendarizados, consubstanciados em medidas objetivas e indicando os responsáveis pela sua consecução, constitui-se como uma área a incrementar, em ordem a que a autoavaliação sustente de forma mais evidente as opções estratégicas de gestão.

A atual equipa de trabalho denota motivação para tornar consequentes os procedimentos autoavaliativos, perspetivando um papel mais ativo na sequência da presente Avaliação Externa do Agrupamento. Este desiderato pronuncia a continuidade do processo de autoavaliação e que este se pode vir a configurar como uma estratégia de gestão e um instrumento de melhoria global da organização, reforçando os seus efeitos no planeamento, na gestão das atividades e nas práticas profissionais.

No desempenho do Agrupamento predominam os pontos fortes na totalidade dos campos de análise, em resultado de práticas organizacionais abrangentes e eficazes, comprometidas com as finalidades do Projeto Educativo. Atribui-se, assim, a classificação neste domínio de **MUITO BOM**.



4 – PONTOS FORTES E ÁREAS DE MELHORIA

A equipa de avaliação realça os seguintes pontos fortes no desempenho do Agrupamento:

- A análise e a reflexão desenvolvidas em torno dos resultados académicos dos alunos, com consequências positivas nas decisões inerentes à organização dos processos de ensino e aprendizagem;
- A mobilização no diagnóstico das diversas problemáticas educativas dos discentes e na oferta de respostas flexíveis e diversificadas para as mesmas;
- As práticas positivas de articulação nas vertentes organizativas e pedagógicas, com repercussões evidentes na identidade e coesão do Agrupamento;
- O enfoque na dimensão artística em todos os níveis de educação e ensino, promotor de um papel dinâmico dos discentes na sua aprendizagem, no âmbito curricular e de enriquecimento curricular;
- A liderança do diretor, coadjuvado por uma equipa dinâmica, mobilizadora das diferentes estruturas de gestão intermédia, implicando-os nas tomadas de decisão;
- O empenho dos profissionais em garantir a prossecução dos objetivos definidos no projeto educativo, consubstanciados em práticas enraizadas de entreajuda.

A equipa de avaliação entende que as áreas onde o Agrupamento deve incidir prioritariamente os seus esforços para a melhoria são as seguintes:

- O combate aos casos de indisciplina através de medidas eficazes que revistam um carácter formativo;
- A supervisão da atividade letiva em sala de aula enquanto estratégia concebida para o desenvolvimento profissional do corpo docente;
- A identificação de prioridades e calendarização das linhas de atuação traçadas para os diferentes objetivos e metas, suportando-as em indicadores que permitam avaliar o impacto das medidas, de forma a facilitar a verificação da eficácia do trabalho desenvolvido pelas estruturas de coordenação educativa e de supervisão pedagógica;
- A avaliação do impacto da formação contínua dos diferentes profissionais nas respetivas práticas;
- A elaboração de planos de melhoria calendarizados, consubstanciados em ações objetivas, traçadas em função das áreas de intervenção prioritária, em ordem a que o processo de autoavaliação, apoiado numa metodologia estruturada, sustente de forma mais evidente as opções estratégicas de gestão.

A Equipa de Avaliação Externa:

Maria de Lurdes Campos, Maria João Crisóstomo Pereira e Maria Luísa Varela de Freitas.